



# Jornais

## Placar Saravá Pastinha 28 de dezembro 1979

De Paula

### Saravá, Pastinha!

O colchão exalando mau-cheiro está atirado no chão. É a sua cama. No pequeno quarto, há ainda um guarda-roupa com as portas soltas, uma cadeira e um engradado de cerveja onde ele coloca o radinho de pilha. O velho se levanta com dificuldade e fala:

— Sou um homem zangado, meu filho. Apanhei, apanhei como um cachorro e hoje nada me resta, a não ser

### Dançando, o escravo evitava as chicotadas

a lembrança daqueles que sabem o que representam para a Bahia.

Esse senhor de 92 anos foi o responsável pela introdução da capoeira de Angola na Bahia, a verdadeira, aquela que os escravos usavam como defesa contra as chicotadas dos seus senhores. É Vicente Ferreira Pastinha, o Mestre Pastinha — quase uma lenda. Mas vive, com a mulher, a filha e três netos menores, em duas peças úmidas, empoeiradas, teto e reboco caindo aqui e ali, tías de aranha por toda parte.

Quem entra nessas duas peças, no casarão número 14 da rua Alfredo Brito, no Largo do Pelourinho, em Salvador, ouve histórias que mostram Mestre Pastinha como um gênio, da capoeira e da vida. Ele percorreu as principais cidades do Brasil, escreveu um livro, gravou um disco, foi mostrar sua arte

### Até Jorge Amado foi aprender com ele

até no berço da capoeira, a África. Mas sua mulher, Maria Romêlia, precisa vender acarajés, para comprar comida para a família e pagar o aluguel.

É um orgulho da Bahia, uma atração turística. Por suas mãos passaram milhares de alunos. Até Jorge Amado e Caribé foram aprender com ele. Mas hoje Mestre Pastinha recebe 200 cruzeiros mensais de pensão. Sua única distração neste quarto mal-cheiroso é o radinho de pilha. Mestre Pastinha está cego.

— Sou um homem zangado, meu filho. Digo isso a todos que aqui vêm me ver. Cabelos brancos, raras sorrisos: se desenhando em seus lábios, ele amarga os últimos dias de sua vida. Enquanto ele teve forças, foi uma vida de risos e aventuras.



Pastinha já escreveu um livro e gravou um disco de capoeira.

Teve choros só até os oito anos: muito fratinho, o negrinho Pastinha vivia apanhando dos outros moleques da rua do Tijolo, em Salvador.

Mas, certo dia de 1894, um negro africano, Benedito, se penalizou ao presenciar uma dessa surras, chamou-o para dentro de sua casa e começou a lhe ensinar os segredos da capoeira. A luta era proibida — a polícia definia a como coisa de malandro. Benedito lhe dava aulas às escondidas. Três anos de-

pois, não havia moleque que se metesse com Pastinha.

— A capoeira de Angola — é Mestre Pastinha quem explica, orgulhoso — parece uma dança graciosa, onde o lutador mostra toda sua malícia, ginga e flexibilidade. É jogada à base de pernas, com poucos golpes de mão.

Rapazote, ele vivia solo pela cidade, tido a capoeira como principal travessura. Daí que seu pai, um espanhol verdadeiro, decidiu alistar-lo na Marinha. E lá



Foi homenageado em música de Caetano. Hoje está cego e abandonado.

foi Pastinha ser marujo. Quando saiu, aos 21 anos, tentou aprender outras lutas — como esgrima —, mas acabou tocando trompa numa orquestra. Tentou vender anúncios de jornais e acabou alfaiate. Até que um seu irmão, ao abrir uma casa de jogo, descobriu uma atividade de que Pastinha gostava — além, é claro, de dar pernadas. E Pastinha foi ser gerente de casa.

— Quando fui tirar a licença, o delegado me reconheceu. Era o mesmo que

corria atrás de mim pelas ruas. Me desajeitei felicidades na função.

A verdade, porém, é que ele jamais abandonaria a capoeira. Nas horas de folga, continuava a treinar com Benedito. E, em 1935, já conhecido como Mestre Pastinha, abriu sua primeira academia, na Rua do Bigodê, perto do Pelourinho. Em 1941, passou para o número 19. Ali, durante 32 anos, ensinou a gingar o corpo para evitar o golpe do adversário, a aplicar a bananeira,

a moia-lua ou a simples rasteira. Mas, como o que vai também vem, o mestre começou a receber golpes. O primeiro: em 1946, com glaucoma e catarata, perdeu uma vista. A partir daí, foi perdendo o vigor para ensinar. Em 1973, outra rasteira: foi despedido. Maria Romêlia amansa feijão para o acarajé e chora ao ouvir o marido contar esses lances. Pára e denuncia:

### Capoeira é mandinga, é manha, é malícia

— A Fundação Cultural do Estado da Bahia nos cedeu uma sala, para que o meu velho pudesse dar aulas. Mas não deu resultado, porque a Fundação obrigava ele a dar aulas de graça. Já completamente cego, Mestre Pastinha lamenta não poder fazer nada em sua nova academia, na rua Guadés de Brito, dirigida por sua mulher e pelo aluno mais velho, Angelo Romano.

Maria Romêlia conta que está tentando fazer uma segunda edição do livro de Mestre Pastinha sobre capoeira e relatar um disco do marido, que vendeu muito e não lhe rendeu nada.

— Por tudo isso, eu não consigo entender como podem deixar um homem como ele assim, abandonado, sem nem uma casa para morar decentemente.

### Fui inocente, não me deixaram nada

Apesar de tudo, anualmente milhares de turistas sobem a ladeira do Pelourinho e invadem o casarão para conhecer uma das glórias da Bahia, o maior capoeirista que o Brasil teve.

Mestre Pastinha ouve o barulho da máquina do fotógrafo e, vaidoso, veste um roupão que o acompanha há 80 anos. Nesse roupão, que foi exposto até na África, há cenas de capoeira desenhadas pela própria Pastinha. Oculhoso, ele canta sua arte:

— Capoeira é mandinga, é manha, é malícia, meu filho. E não é pra qualquer um. Com essa história de turismo, liberaram as academias pra contratar mestres, e isso é ruim. Como é que o sujeito pode ensinar se não tem nome nem diploma?

Cada. Fica longo tempo assim. Depois desaba:

— Sou um homem zangado, meu filho. Não sou contra aqueles que se aproveitaram da minha inocência. Mas é que não deixaram nada para mim.